



A MODA NA EDUCAÇÃO DOS ANOS 1970: AS APARÊNCIAS DA PRIMEIRA-DAMA BÁRBARA BARROS

FASHION IN THE EDUCATION OF 1970s: THE APPEARANCES OF THE FIRST LADY BARBARA BARROS

Ana Paula M. T. dos SANTOS¹
Ivana G. SIMILI²

Resumo

Na década de 1970, as Associações de Pais e Professores – APPs - ganham força nas políticas públicas da educação. Em Maringá (PR), Bárbara Cecily Netto Barros, esposa do prefeito Silvio Magalhães Barros (1973-1977), impulsiona a criação das APPs nas escolas públicas. Neste texto, analisamos a trajetória da personagem na condução das políticas educacionais sob o foco da moda. Por meio do levantamento e análise de fotografias, oriundas do acervo do Patrimônio Histórico de Maringá e da imprensa, mostramos que o percurso da primeira-dama foi marcado pela produção de aparências que informam sobre as tendências da moda dos anos 1970. Os fundamentos teóricos e metodológicos para a análise foram puxados da história e historiografia da Educação, da Moda e das mulheres no Brasil. Nas aparências de Bárbara encontramos sinais de como aproveitou-se a moda para tecer representações para a sua feminilidade e poder na execução das políticas públicas da educação de Maringá.

Palavras-chave: Moda. Educação. APPs anos 1970. Primeira-dama.

Abstract

In the 1970s, the Parent Teacher Organizations - PTO, gain strength in public policy education. In Maringá (PR), Barbara Barros Cecily Netto, wife of the mayor Silvio Magalhães Barros (1973-1977) urges creation of PTO in public schools. In this paper, we analyze the trajectory of Bárbara Barros leading educational policies under the spotlight of fashion. Through the survey and analysis of photographs originated from the collection of the Maringá's Historical Heritage and the press, we show her route was marked by the production of appearances that inform about the fashion trends of the years 1970. The theoretical and methodological foundations for the analysis were drawn from the history and historiography of Education, Fashion and women in Brazil. In Barbara's appearance we found signs on the way she used her clothes to make representations of fashion, femininity and power in implementing public education of Maringá.

Key-words: Fashion. Education. 1970' s PTO. First Lady.

A educação e a moda podem ser examinadas sob diferentes focos. Neste texto, procuramos associar e justapor a história da moda e da educação dos anos 1970 para entender as práticas de vestir e de atuar de uma primeira-dama. Elegemos como objeto de estudo, o papel desempenhado pela moda na produção de aparências de uma primeira-dama, Bárbara Barros, a qual teve atuação marcante nas políticas públicas da educação na cidade de Maringá, PR, nos anos 1970. A pesquisa sobre o vestuário de Bárbara Barros permitiu entender os meandros da moda na educação, sobre o papel desempenhado pela aparência nos encaminhamentos de propostas educacionais, a relação entre a defesa de idéias e concepções educacionais

¹ Universidade Estadual de Maringá – UEM - graduanda em História. Av. Colombo, 5.790 -Jd. Universitário - Maringá - Paraná . CEP 87020-900 • (44) 3011-4040. anapaula.medeiros@hotmail.com

² Universidade Estadual de Maringá, docente do Departamento de Fundamentos da Educação – UEM - ivanasimili@ig.com.br

dos sujeitos e a indumentária.

Bárbara Cecily Netto Barros, nasceu em 5 de outubro de 1936, na Ilha de Santa Helena, possessão britânica, filha de Odwaldo Bueno Netto (brasileiro), e Winifred Ethel Netto (inglesa). O casamento com Silvio Barros em 1954 (após Silvio ter sido seu professor no Aero Clube de Maringá), a transformou em mãe dos cinco filhos que o casal teve: Christina, Silvio, Beatriz, Ricardo e Bárbara, e esposa de homem público com vínculos com a política, o qual criaria para ela, uma trajetória marcada por formas de participação na história política da cidade de Maringá, com acento nas políticas públicas para a educação.

Entre os anos 1961 e 1964, Silvio, foi suplente de vereador, ocupando o cargo esporadicamente. Bárbara, começou a se envolver com a política assistencial, presidindo o Clube da Amizade, entidade que marcaria presença no cenário da cidade, visto que, atualmente, mantém o Lar da Criança.

Ainda nos anos 60, somam-se as atividades assistenciais à participação da personagem nos meandros da política educacional. Em 1964, Bárbara assume a direção da Associação de Pais e Professores do Grupo Escolar Loyde Novaes e implementa a merenda escolar. Em 1967, residindo em Curitiba, Bárbara participou das Diretorias das Associações de Pais e Professores do Grupo Escolar Tiradentes, Colégio da Divina Providência e Colégio Santa Maria.

É importante destacar que em 1966, Silvio foi eleito deputado Estadual e o casal foi morar em Curitiba. Em 1970, acompanhando o marido, eleito Deputado Federal, Bárbara passou a morar em Brasília. Naquela cidade, preside a APP da Escola Classe 106 e é diretora da APP do Colégio Elefante Branco. Em 1973, Silvio Barros foi eleito prefeito de Maringá (1973-1977). Nesse período, Bárbara, como primeira-dama, acentuou sua atuação nos setores da assistência social e da educação. Quando primeira dama de Maringá, Bárbara não aceitou assumir encargos e responsabilidade junto às diretorias das entidades das quais era voluntária, apesar dos convites, para estar disponível para participar da implantação do Fundo Municipal de Educação e Assistência, mais tarde Fundo de Assistência Social de Maringá. Fundou também em vinte escolas municipais o ‘Clube das Mães’, o qual tinha por objetivo orientar as gestantes sobre saúde, alimentação e cuidados com os bebês. Envolve-se, portanto, com faces da política materno-infantil.

Nas informações coletadas para Bárbara, fica patente que os laços de casamento com Silvio, proporcionaram a criação de um percurso marcado pelo envolvimento com a política em setores concebidos socialmente e culturalmente como apropriados ao feminino, tais como a educação infantil e materno-infantil; a participação dos pais nas escolas, representada pelas APPs.

Em nosso entendimento, as performances visuais na vida pública e política, na esfera da educação são significativas de um tipo de comunicação política, conforme descrita por Lipovetsky (1989, p.198), de que a partir dos anos 1950, desenvolveu-se uma espécie de publicidade pautada na matriz do marketing comercial: o marketing político, cuja característica principal é a “venda do produto na melhor embalagem possível”. Nele, as estratégias deixam de ser o “matracar austero da propaganda, mas a sedução do contato, da simplicidade, da sinceridade; não mais a encantação profética, mas o aliciamento dos shows personalizados e a vedetização dos líderes”.

Isto posto, ao transformarmos as aparências de Bárbara Barros em objeto de estudo de moda, podemos identificar e perceber como os trajes e os gestos foram usados como vetores de comunicação política, para “vender” as propostas para a educação brasileira para as escolas de Maringá naqueles anos. Junto desse aspecto, é importante salientar que o conceito de gênero vem proporcionando revisitar uma série de temas da educação e da moda. No que tange à educação, o conceito de gênero vem permitindo analisar aspectos relacionados à participação e atuação das mulheres em seus meandros sob várias perspectivas. Uma delas diz respeito às interpretações acerca da constituição da educação como trabalho feminino e o processo de feminização do magistério, que teria início no século XIX. Para Louro (1997), naquele momento (século XIX), as concepções sexistas das habilidades “naturais” das mulheres para a maternidade e o cuidado das crianças teriam marcado a entrada da mulher na educação, disso decorrendo que o trabalho dos segmentos femininos nas escolas, como professoras, foi estimulado pelos homens, porque entendido como uma extensão da casa, entenda-se doméstico e privado – os cuidados dos filhos e do marido.

De certa forma, este modelo para pensar e justificar a atuação das mulheres na educação vai alimentar as representações para as professoras nos anos 1930-1940. Elabora-se a imagem de “educadora”, com suporte nas teorias psicológicas e sociológicas, de “fornecer apoio afetivo, emocional e intelectual à criança, de modo que suas potencialidades se tornem presentes”. Nos anos 1970, continua Louro (1997,p.16), a ditadura militar modifica o panorama da educação brasileira e observa-se uma tendência: de substituir a figura da “educadora espiritual” pela “profissional do ensino”. “Esse profissionalismo caracteriza-se pela valorização de um outro tipo de habilidades dos professores e professoras” com atividades de ordem administrativa e burocrática mais “técnica, eficiente e produtiva”.

Ainda consoante ao afirmado por Louro, o surgimento dessa representação para os profissionais da educação, significou “um contra-argumento em relação à concepção do magistério como uma extensão das atividades maternas, de cuidado, apoio emocional etc. “e acenava-se para “um conjunto de saberes de caráter técnico, científico e específico, que delimitaria o campo pedagógico e que, por conseqüência, permitiria àquelas ou àqueles que ali atuavam se perceberem como profissionais”. A reação a este modelo partiu de alguns professores e professoras e veio sob a forma de tentar “reafirmar a função afetiva e de sua importância central na atividade docente”. Elas e eles procuraram “subverter a pretendida programação desejada pelos órgãos administrativos e educacionais, modificam as tarefas e atividades programadas, introduzem características próprias aos sistemas de instrução” e no caso das professoras, “passam a usar tia como uma denominação substituta à de professora”. (LOURO, 1997, p.16).

Na moda, a década de 70, também foi decisiva na mudança dos visuais das mulheres. O feminismo e as políticas de igualdade entre sexos “tiveram uma influência formadora sobre muitas jovens com consciência da moda e consciência social: o visual menininha foi abandonado por estilos mais ‘adultos’.” (MENDES; HAYE, 2009, p. 203). Havia duas fortes tendências: a *new romantic*, que “privilegiava as estampas florais, acabamentos de renda, chapéus de palha e uma série de acessórios com ares românticos, sobre volumes de muitos tecidos, especialmente nas saias” e outra tendência de produção de trajes clássicos, masculinizados, discretos e informalmente elegantes, perfeito para as mulheres, que estavam ganhando espaço no mercado de trabalho. Podemos observar essa tendência na adaptação de Yves Saint Laurent para o

smoking tradicional. Junto a isso, as estampas florais também estavam em alta, influenciadas pela cultura hippie e também garantindo a feminilidade para as mulheres. João Braga (2004), destaca que entre comportamentos emblemáticos desta mulher, que ganha aos poucos sua independência, e seu estilo estariam o uso de “ternos, costumes ou mesmo saia com casaco” (BRAGA, 2004, p. 90-91).

Feitas essas considerações, observa-se o fato de que anos 1970 foram marcados por impasses na educação e na moda. Talvez seja apropriado dizer que, naquele momento, dois modelos de atuação das mulheres na educação aparecem – um, com correspondências com as tendências românticas, delicadas e sensíveis (da educadora de décadas anteriores) e outro, os trajes clássicos, masculinizados vislumbrados nos “terninhos” marcando e acompanhando o ingresso das mulheres no mercado de trabalho e, por conseguinte, caracterizando a “profissionalização das educadoras”. Por intermédio da indumentária de Bárbara Barros podemos deslindar e acompanhar as mudanças observadas naqueles anos em ambos setores da vida social, política e cultural: na educação e na moda.

Érica Palomino (2003, p.15), define moda como “modo, maneira”. Malcolm Bernard (2003), destaca que tudo o que se veste é significativo ou produz significado. Considerando estas reflexões, são perguntas norteadoras deste estudo: De que maneira as peças e estilos que ganham força na moda dos anos 70 participaram do guarda-roupa de Bárbara? De que modo as tendências da moda se faziam notar nas aparências da primeira-dama para tratar da educação? De que forma os significados produzidos pela indumentária articulavam-se com as propostas das APPs, defendidas pela personagem?

Ao respondermos a essas perguntas, por meio da análise das imagens fotográficas e documentos escritos provenientes da mídia impressa (jornais), estamos pressupondo que a trajetória da personagem tem uma “instrumentalidade educativa” (CARINO, 1999), que ensina sobre a moda que se fez presente no universo dos anos 70, acerca dos usos das roupas nos espaços e ambiências da educação, para encaminhar e defender a criação das APPs.

Finalmente, importa destacar que a concepção de que a moda é um dos objetos de estudos de gênero vem possibilitando investigar e conhecer uma variedade de práticas e representações sociais envolvidas na relação entre as roupas, as aparências e os sexos. Os significados construídos pelo vestuário para os sexos; as contribuições das roupas na modelagem das diferenças e na formação das identidades de gênero; a participação da moda na criação de modelos e padrões de beleza, de feminilidade, na fabricação de ideias sobre o corpo, elegância e etiqueta são alguns eixos temáticos entre tantos outros, explorados pelos estudos de gênero e moda.

Na agenda desses estudos, a base teórico-metodológica pode ser localizada nessa reflexão de Berenice Bento (2006, p. 04): “o gênero adquire vida através das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada” aos sexos masculino e feminino. Em suma, “vestir uma roupa é vestir um gênero”, o que vem repetindo de diversas formas as estudiosas de gênero nas interfaces com o corpo e a moda.

Portanto, nas vestes ostentadas pela personagem, estão as noções de roupas e de modos de ser definidos pela sociedade e cultura como adequadas às mulheres, fazendo circular noções do que era ser bela, elegante e feminina, ou seja os matizes da feminilidade que orientando a produção das aparências femininas.

Objetivo e metodologia: as fotografias como fonte de estudo

O uso de fotografias na pesquisa sobre moda e educação por meio da análise de imagens de uma primeira-dama, produzidas durante a atuação da personagem nas cercanias das políticas públicas para a educação, na cidade de Maringá, exige que algumas considerações sejam feitas acerca dessa espécie de documento, como fonte de informação e de comunicação da história.

Kossoy afirma que a fotografia ainda é usada "timidamente" nos trabalhos de cunho histórico, pelo questionamento se realmente é um documento, como pode ser utilizado, como deve ser analisado e até onde retrata uma realidade. Para o autor, as imagens em geral são "um dos sustentáculos da memória" (KOSSOY,2001,p.103), podendo ser também instrumento de manipulação política e ideológica, pois não ficam ilesas da influência daquele que as produz, de quem as encomendou e de quem as vê.

Boris Kossoy (2001) também faz a discussão de métodos de análise imagética, propondo uma abordagem da construção e desmontagem da imagem fotográfica. A desmontagem da fotografia consistiria, num primeiro momento, em analisar e interpretar as fontes fotográficas, tendo conhecimento que a fotografia não é um documento isento de manipulação, buscando decifrá-las e encontrar seus "elementos constitutivos" (fotógrafo, assunto, tecnologia) e suas "coordenadas de situação" (espaço,tempo).

A orientação é clara: deve-se buscar decifrar a fotografia em relação a seus códigos formais (captação da imagem, recursos técnicos e plásticos) e culturais, estes relacionados direta ou indiretamente ao tema representado, o que está visível, o que documenta o assunto, e o que está implícito, relativo a história e contexto do tema registrado na imagem (mentalidades,heranças culturais e ideológicas etc.). Kossoy (2001) propõe, portanto, que se entenda o processo de "construção de realidades", seja enquanto expressão do autor, como registro fotojornalístico ou publicidade.

Peter Burke (2004, p.98), propõe um encaminhamento semelhante ao de Kossoy ao apregoar que as imagens são propagadoras de valores, ao mencionar que "o uso político de imagens não deve ser reduzido a tentativas de manipulação da opinião pública [...] desmistificando o poder e incentivando o envolvimento de pessoas comuns nos assuntos do Estado" (BURKE, 2004, p.98).

Podemos afirmar que esse sentido está presente nas imagens da primeira-dama localizadas no acervo da Gerência de Patrimônio Histórico de Maringá. Segundo Rachel Coelho, gerente do local, o Museu de História e Arte Hélenton Borba Cortes foi instituído como Museu Municipal pela lei nº 299/64 mas, na ocasião, ainda não contava com um acervo ou um espaço físico. Seu acervo começou a ser constituído a partir de 1984, com a criação do Projeto Memória. A lei nº 2.297/87 criou o Serviço de Patrimônio Histórico de Maringá (atual Gerência).

Com a construção do moderno Teatro Calil Haddad – inaugurado em 31 de dezembro de 1996 como o maior do Norte do Paraná e um dos maiores do Estado, no ano seguinte ambos passaram a ocupar o mesmo espaço, transformando-se praticamente em uma instituição só. O acervo foi, então, disponibilizado para consulta e o museu pode ser aberto à visitação pública. Atualmente, a Gerência de Patrimônio Histórico é responsável pela coleta, catalogação e conservação do acervo histórico deste Museu que, acumulou um arquivo considerável com documentos sobre vários personagens da história maringaense. Entre entrevistas,

objetos, jornais, periódicos e fotografias é possível encontrar registros sobre a construção da cidade, seu desenvolvimento político, práticas de poder e seus personagens.

Segundo Simili, ao transformar e analisar as fotografias da primeira-dama Darcy Vargas do Centro de Documentação e Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas:

Podemos dizer que as fotografias dos acontecimentos comemorativos são um verdadeiro catálogo de moda e estilo[...] com informações ricas e valiosas a serem usadas na produção de conhecimento sobre os conceitos de bem-vestir, de elegância, de requinte e luxo detidos por representantes emblemáticos da vida pública, portanto, da elite brasileira. (SIMILI, 2010, p.03)

Essa assertiva pode ser estendida para o Acervo de Memória de Maringá, visto que ele guarda fragmentos visuais com a mesma característica e potencialidade: proporcionar conhecimentos sobre a moda praticada pelos personagens históricos da cidade.

Burke (2004, p.99) evidencia ainda a importância das imagens para a história do vestuário, colocando a possibilidade da mudança de foco do item isolado para o conjunto, ou seja, para "saber o que se usava e com o que". Esse sentido histórico presente nas imagens fotográficas, fornecendo vestígios sobre as práticas de vestir dos sujeitos, orientou a análise dos fragmentos imagéticos selecionados nos acervos de memória e da imprensa.

Bárbara Barros e as políticas públicas para a educação nos anos 1970

A compreensão das práticas de vestir da primeira-dama Bárbara Barros nas imagens que narram as aparências construídas pela personagem com os artefatos indumentários, exige que se conheça o panorama da educação brasileira nos anos 1970, dado o fato que sua atuação e performances visuais ocorreram no âmbito da criação das Associações de pais e mestres, um dos segmentos das políticas públicas para a educação.

Izabel de Souza Branco (1995) afirma que as Associações de pais e professores começaram a aparecer de maneira informal em algumas escolas no Brasil a partir da década de 1920 como órgãos auxiliares das escolas, para divulgar os ideais democráticos, difundidos na época, e atrair os segmentos interessados em aprofundar novos paradigmas. Surgiram num contexto de lutas por mudanças na Educação, com apoio civil e político, gerando movimentos por reformas educacionais baseados em modelos norte americanos (Rotary Clube), o que resultou no "Amigos da Escola". Em 1931, foram criadas diretrizes gerais para as escolas que possuíssem APPs, orientando que fossem discutidos assuntos como manutenção e desenvolvimento da escola, orientações de saúde e higiene, problemas sociais particulares da região de cada escola e explicações das práticas pedagógicas adotadas pelos professores.

Porém, essas esferas da educação, que são as APPs, só se tornaram reconhecidas e institucionalizadas na década de 1970, com uma preocupação diferente da inicial de "divulgação de ideais democráticos", transformando-se em recurso para delegar às famílias a responsabilidade e os encargos com a educação (BRANCO, 1995). Em 1971 foi estabelecida a obrigatoriedade das APPs nas escolas brasileiras. As APPs nesse período, segundo Branco, estavam muito mais permeadas de interesses políticos e eram

utilizadas pelo Estado para “reforçar e transmitir valores por ele representados”, tais como a modernização do país, a idéia que o crescimento ou “milagre” econômico atingiria a toda a população e um nacionalismo acentuado.

Existe uma dificuldade em relação à documentação relativa a história da educação em Maringá, pois são poucas os trabalhos que falam sobre assunto e também poucas são as fontes da época. Sobre a educação, particularmente, sobre as escolas, de formação de professores, em Maringá na década de 1970, Hegeto e Schelbauer (2008) ressaltam que:

[...]durante o funcionamento da Escola Normal Secundária em Maringá, tais cursos estiveram inseridos no contexto da Ditadura Militar e sofreram as imposições decorrentes do regime político ditatorial. Nos anos finais do curso, que coincidiram com o acirramento do Regime Militar, o curso recebeu forte influência da pedagogia tecnicista, que tinha como objetivo formar profissionais eficientes, com bons métodos, técnicas de ensino e com o fim de minimizar os problemas do sistema educacional brasileiro. (HEGETO;SCHELBAUER, 2008,p.165)

Relembrem que, ainda na década de 1970, a Escola Normal foi abolida e houve "a criação do Magistério em nível de 2º Grau, a partir da Lei nº 5.692 de 1971, a qual designa essa modalidade de ensino “profissionalizante” como responsável pela formação de professores primários" (HEGETO; SCHELBAUER, 2008, p.161). A formação de professores em Maringá, que antes era realizada apenas em nível secundário, passou a ser ofertada em nível superior, com a abertura do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá (UEM).

As autoras afirmam também que nesse período a religião e a igreja católica exerceram grande influência na educação do município,tanto quanto à formação de valores morais e religiosos, quanto à preservação da ordem social, política e econômica, o que pode ser verificado no fato da grande participação e envolvimento de alunas e professoras em trabalhos voluntários e campanhas que, na época, constituíram-se peça chave para o desenvolvimento de Maringá. Aspectos dessa história da educação em Maringá a qual se relaciona diretamente com a atuação das mulheres no campo das políticas públicas para a educação e, particularmente, do segmento feminino na área educacional é o que este trabalho traz à tona, por meio de Bárbara Barros. Segundo o jornal O Correio da Cidade (edição 19 a 25 de abril de 1984), Bárbara, ao trabalhar em conjunto com a coordenação das APPs de escolas estaduais, municipais e rurais, participava de inúmeras reuniões, estimulando os membros a solidificar essas associações para darem melhor rendimento e complementação educacional dos alunos.

Nos anos 1970, as APPs passaram a cumprir um papel estratégico na divulgação da política do Estado Militar e na proliferação de imagens favoráveis ao governo federal. Neste momento e contexto, Bárbara Barros, transforma-se numa das representantes das práticas políticas do Estado para a educação, em Maringá, ao direcionar sua atuação, como primeira-dama, para a implementação das APPs nas escolas. Visitar as escolas, promover encontros com os diretores, os professores e os pais; realizar reuniões com os representantes políticos ligados à educação foram as práticas adotadas pela primeira-dama para impulsionar as criações daquela esfera de representação nas escolas.

Os registros da atuação da primeira-dama estão nas imagens fotográficas dos acervos de memória da cidade e nos textos publicados na imprensa. As fotografias da personagem as quais narram seu percurso na política da educação dos anos 1970, estão depositadas no acervo do Patrimônio Histórico de Maringá e na mídia impressa, nos jornais da época, particularmente O Correio da Cidade, O Diário e folhetins independentes. Algumas delas, acompanhadas pelas entrevistas e reportagens, foram constituídas em fontes de informação para captar e entender as dinâmicas da moda na educação, ou o emprego do vestuário e o uso feito das aparências por uma personagem para criar, narrar e validar publicamente um percurso para si, marcando presença na história da educação na cidade de Maringá e, por conseguinte, do país, visto que sua atuação estava articulada com os princípios que orientavam as políticas da educação brasileira nos anos 1970.

Moda e aparências: uma interpretação para os visuais da personagem

Na análise, as fotografias selecionadas foram concebidas como documentos que permitiam conhecer o vestuário de uma personagem, portanto, foram tomadas como “índice de uma época, revelando com riqueza de detalhes” (CARDOSO; MAUAD, 1997, p.406) os aspectos das aparências construídas pelo sujeito com as roupas escolhidas para aparecer e comparecer publicamente.

Conforme escreveu Crane (2006, p. 53) “a moda sempre estabeleceu uma pauta social para as mulheres e as maneiras de vestir são sempre motivadas socialmente”. Ou ainda, de acordo com Kathia Castilho (2002, p.94), “Cada momento social requer um tipo de presentificação e atuação que se encontra normatizada pelo contexto social”. Nos tipos de presentificação e de atuação da primeira-dama na sua trajetória na política pública educacional, conforme revelado nas imagens, religamos os fios do vestuário aos momentos sociais e às normas do bem-vestir, do bem arrumar-se nas e para as ocasiões, prescritos pela moda dos anos 1970, de maneira a conhecer as representações para o feminino e as feminilidades que norteavam as práticas de vestir naqueles anos e os modos pelos quais eles foram levados para a educação, por meio de Bárbara.

Nos registros visuais da personagem, uma tendência na moda, caracterizada pelos “ternos”, é notória. Na série de imagens levantadas no acervo, no total de 43, esse tipo de indumentária aparece em 17 imagens. Para essa exposição, selecionamos três fotografias pela nitidez da imagem e o formato dos registros visuais: a personagem em “corpo inteiro”, o que permite observar os detalhes das peças (corte, texturas, acessórios).

Nos registros visuais da personagem, uma tendência na moda, caracterizada pelos “ternos”, é notória. Na série de imagens levantadas no acervo, no total de 43, esse tipo de indumentária aparece em 17 imagens. Para essa exposição, selecionamos três fotografias pela nitidez da imagem e o formato dos registros visuais: a personagem em “corpo inteiro”, o que permite observar os detalhes das peças (corte, texturas, acessórios).



Figura 1 - Inauguração Cobal (Companhia Brasileira de Alimentos) de Maringá



Figura 2 - Esquerda. p/ direita: Prof. Cilis Godinho, Pe. Sidney Zanetini, Bárbara Barros, Silvio Barros, Jorge Sato, Joaquim da Cruz Filho, Manuel Gomes – Abertura dos festejos dos 27 anos de Maringá



Figura 3 - Primeira dama entregando um dos troféus conquistados por Maringá nos Jogos Abertos do PR , ao coordenador geral dos JAPS Antonio Tortato. Clube Olímpico

Na primeira, a posição ocupada pela primeira-dama no primeiro plano da imagem, evidencia que ela era a personagem de destaque no acontecimento e que a acompanham o marido, Silvio Barros e outras personalidades. A segunda, refere-se à inauguração Cobal (Companhia Brasileira de Alimentos), que mais tarde teria relação com seu projeto 'Clube das Mães', o qual tinha por objetivo orientar as gestantes sobre saúde, alimentação e cuidados com os bebês e ensinar-lhes dicas de cozinha e costura. A imagem traz a personagem usando o traje clássico das mulheres independentes da década de 70: o "o terninho". No pescoço, usa uma lenço estampado, dando feminilidade ao traje. O penteado mais informal que na foto anterior e uma postura independente, caminhando sozinha, a frente do marido e observando o local, nos revelam a postura citada por Mendes e Hayes (2009), de uma mulher que estava ganhando seu espaço no mercado de trabalho, na política e na sociedade; independente, sem deixar de ser feminina.

Na segunda fotografia, a presença e participação de Barros no evento se notabiliza em meio aos homens, em número maior que o de mulheres (apenas ela e outra personagem feminina), sugerindo tratar-se de solenidade de cunho político encenada pelos homens públicos que participavam do poder; na terceira imagem, volta a cena, novamente, a primeira-dama recebendo um troféu e, por conseguinte, em que ela era homenageada.

Embora os fragmentos visuais sejam em preto e branco, o que prejudica uma análise mais acurada acerca das cores e texturas dos tecidos empregados nas indumentárias, os contrastes produzidos pela técnica fotográfica permitem afirmar que nas duas primeiras imagens, os ternos eram compostos por calça e blazer da mesma cor.

No caso da terceira imagem, a fotografia demonstra as dificuldades impostas pelos fragmentos visuais obtidos nos acervos de memória e consulta para os estudos da moda, visto mostrar apenas os detalhes do busto, ou seria mais apropriado dizer, da parte superior do corpo. Em que pese esse limite de acesso à informação da indumentária, os vestígios informados pela imagem, evidencia o uso de um casaco (ou blazer) sobre uma camisa ou blusa estampada.

A interpretação dos conteúdos imagéticos adquire sentido quando os relacionamos ao que afirmam Kelly Fernanda Mayrink Drumond e Ângela Abi-Sáber em "A Moda como Forma de Representação Social e sua Capacidade de Comunicação Através do Vestuário" (2009):

As decisões, aparentemente individuais, da escolha de um traje, também se relacionam à necessidade de identificação a um ou mais grupos aos quais o indivíduo pertence. A moda é um elemento de ligação que permite a criação de sociabilidade e definição de grupos, fazendo com que todos os membros se sintam parte de uma mesma entidade. Assim, a escolha do vestuário expressa as convicções e estilos de vida comuns. Dos símbolos e expressões existentes na comunicação, a roupa se caracteriza como uma importante forma de linguagem não verbalizada. (DRUMOND, ABI SÁBER, 2009, <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=87>)

Ora, se o traje é um vetor de comunicação, os ternos usados pelos personagens dizem muito sobre os estilos femininos desenhados pela moda nos anos 1970, os quais podem ser compreendidos quando inseridos nos contextos das mudanças observadas na história das mulheres, particularmente, pela ocupação dos segmentos femininos nos espaços do trabalho e da vida pública e política.

Em 1966, Yves Saint Laurent cria o Le Smoking, uma versão feminina para o smoking masculino. Na década de 1970 os terninhos (composto por blazer e calça comprida) e tailleurs (blazer com saia lápis) tornam-se o uniforme das mulheres independentes e bem sucedidas. Leonize Maurílio afirma que:

Na linguagem da moda, o terninho é sinônimo de posição social elevada. Ele é o uniforme da autoridade, tanto que às vezes, se referem coloquialmente às que o usam como "doutoras". O terninho se origina do vestuário masculino como muitas outras roupas de mulher, entre elas, um bom exemplo foi o uso das ombreiras em blazers na década de 80. Muitos a-b-o-m-i-n-a-m, mas tinha um significado especial – as mulheres precisavam ter uma silhueta masculina, já que estavam ingressando no mercado de trabalho em busca de cargos de chefia e travando uma verdadeira guerra dos sexos. As ombreiras funcionavam como uma espécie de armadura e lhes configurava força e poder. (MAURÍLIO, 2010).

Na lógica das mudanças, a participação da mulher no mercado de trabalho refletiu-se na moda e no consumo. Vale lembrar que na década de 1970 o Brasil passava pelo chamado "milagre econômico", o que levou a um aumento de consumo por parte do brasileiro. Denise Pitta de Almeida (2003) afirma que nesta década a moda no Brasil começa a profissionalizar e as Butiques se firmam e criam suas próprias confecções. Nesse momento começa a criação de roupas nacionais. A autora afirma também que, ao mesmo tempo, na década de 70, a economia crescia e se internacionalizava, deixando "de ser interessante falar de

'moda autenticamente brasileira' como estratégia de venda das grandes produtoras de matéria-prima" (ALMEIDA, 2003).

Desse modo, as práticas de vestir da primeira-dama são indicativas das transformações dos anos 1970, revelando aspectos da história da participação da mulher na esfera pública do trabalho e da história da moda, na criação e consumo de artefatos e produtos da moda.

Para explorarmos esse foco de análise – da feminilidade a serviço da política da educação dos anos 1970- selecionamos esta imagem fotográfica:



Figura 4 - Professoras municipais da recebem cumprimento da Sr.ª Bárbara Cecily Barros, pela passagem do dia do professor. Salões do Country Club. 15/10/1973

A fotografia mostra as professoras da rede municipal recebendo cumprimento de Bárbara Barros, pela passagem do dia do professor (Salões do Country Clube 15/10/1973). Nela, podemos observar a influência das estampas florais e a feminilidade refletidas no vestido usado por Bárbara, assim como no penteado e nos acessórios usados por ela (brincos e colar de pérolas). A postura tomada pela personagem mostra-nos uma mulher com certa autoridade, a frente de um evento solene da cidade.

Conclusões

Por intermédio das imagens foi possível identificar os sentidos construídos pelas roupas da moda para o feminino e as feminilidades e neles, alguns dos reflexos das mudanças sociais, culturais e políticas vivenciadas pelas mulheres naqueles anos. As imagens produzidas para a primeira-dama na cobertura de eventos tecem representações que mostram como a personagem usou os artefatos indumentários, bem como os gestos e as atitudes concebidas como apropriados às mulheres, para conquistar simpatia e ter autoridade para comandar e atingir seus objetivos.

Em suma, por meio das aparências construídas por Bárbara Barros foi possível dimensionar como os gestos, as atitudes e os espaços tidos como apropriados às mulheres, tais como a educação, foram explorados pela personagem para participar e atuar na política educacional. Enfim, nas aparências de Bárbara encontramos os sinais de como a moda foi aproveitada por uma personagem para tecer representações para a sua feminilidade e poder.

Finalmente, se considerarmos as principais tendências na educação brasileira naqueles anos, podemos dizer que a personagem se mostrava como que sintonizada com a moda e com as políticas públicas da e para a educação, marcadas principalmente pelo sentido e sentimento de profissionalização da mulher no magistério ou nos espaços educacionais e educativos.

REFERÊNCIAS

ACERVO da Gerência de Patrimônio. Fotografias anos 1970. Maringá. Pr.

APL VESTUÁRIO. (2010). **Plano de Desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local do Vestuário de Cianorte/ Maringá/ Paraná**. Disponível em:

http://www.mdic.gov.br/portalmDIC/arquivos/dwnl_1248271195.pdf. Acesso 15 out.

BENTO, BERENICE. (2004). Performances de gênero e sexualidade na experiência transexual. In: LOPES, Denilson et. al. (orgs.) **Imagem e diversidade sexual: Estudos da homocultura**. São Paulo: Nojosa

BERNARD, MALCOLM. (2003). **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco

BRAGA, JOÃO. (2004). **História da moda: uma narrativa**. 4ª edição. SP: Editora Anhembi Morumbi

CARDOSO, CIRO F. & MAUAD, ANA MARIA. (1997). “História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema”. In: **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus

CASTILHO, KATHIA. (2004). **Moda e linguagem**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi

CRANE, DIANA. (2006). **A moda e seu papel social - classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Senac

GOMES, DIRCEU HERREO (org.). (2006). **O Sonho se faz ACIM**. Maringá: Dental Press

HEGETO, LÉIA DE CÁSSIA FERNANDES. SCHELBAUER, ANALETE REGINA. (2008). **História da Escola Normal Secundária em Maringá entre as décadas de 1950 e 1970**. Disponível em : Revista HISTEDBR On-line n.29, p.159-168, mar.2008. Acesso em: 03 nov. 2010.

KOSSOY, Boris. (2007). **Os tempos da fotografia**. São Paulo: Editora Ateliê Editorial

_____. (2001). **Fotografia & História**. . São Paulo: Editora Ateliê Editorial

LIPOVETSKY, Gilles. (1989). **O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas**. SP: Cia das Letras,

LOURO, GUACIRA LOPES. (1997). **Mulheres na sala de aula**. In.: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. 2.ed. São Paulo: Contexto. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/19022210/MulheresnaSaladeAula>>. Acesso em maio 2011.

MAUAD, ANA MARIA. (1996). **Através da imagem: Fotografia e História Interfaces**. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf. Acesso em maio de 2010

MAURÍLIO, LEONIZE. (2008). **O Terninho - Clássicos da Moda**. Disponível em: <http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/o-terninho-classicos-da-moda/>. Acesso em novembro de 2010

MAYRINK, KELLY FERNANDA & ABI-SÁBER, ÂNGELA. (2009). **A Moda como Forma de Representação Social e sua Capacidade de Comunicação Através do Vestuário**. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=87> Acesso 05 nov. 2010

MENDES, VALERIE D & HAYE, AMY DE LA. (2009). **A moda no século XX**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes

PITTA, DENISE. (2008). **Anos 70 - Identidade Brasileira na Moda**. Disponível em: <http://fashionbubbles.com/moda/anos-70-identidade-brasileira-na-moda-2/>. Acesso em: nov. 2010.

SIMILI, IVANA GUILHERME. (2008). **Mulher e política: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945)**. São Paulo: Edunesp

_____. (2010). Pedagogias da moda na política: uma análise das aparências da primeira-dama Darcy Vargas nas festividades e sociabilidades do poder (1930-1945). In: VI COLÓQUIO DE MODA. **Anais...** São Paulo.